

CRÍTICA LITERÁRIA

Sopinha de Alfabeto – ironia nas artes cabo-verdianas

Por Ricardo Riso

*Graduando em Letras – Universidade Estácio de Sá – Brasil.
E-mail: risoatellie@gmail.com*

Aos confrades Mito e Filinto Elísio



Aproveitarei nesta quarta edição o meu recente contato com a cultura de Cabo Verde proporcionado por um congresso na USP em novembro do ano passado, e comentarei sobre um momento pouco divulgado nas artes cabo-verdianas, que é o aparecimento da revista *Sopinha de Alfabeto*, encontrada em formato digital no site do artista plástico Mito, <http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1capa.htm>.

Em 1986, ano do cinquentenário da revista *Claridade*, pilar do modernismo literário cabo-verdiano, foi lançada a revista *Sopinha de Alfabeto*, idealizada por Mito, pseudônimo de Fernando Elias Hamilton Barbosa, artista plástico multifacetado que

não se prende a gêneros e estilos, ousado e diversificado utiliza sua verve irônica em trabalhos que acompanham as principais tendências das vanguardas contemporâneas.

Com o objetivo de trazer um sopro de renovação às artes cabo-verdianas, engessadas pelo cantalutismo da independência recente e de um regime de partido único, Mito, acompanhado de Arnaldo Silva, dos poetas Eurico Barros e Filinto Elísio, e do fotógrafo João Nelson formam o corpo da edição inaugural de *Sopinha de Alfabeto* em busca de outras clarezas.

Ao propor a ampliação dos temas artísticos no arquipélago, ancorando -se no humor e na ironia, a revista não foi bem recepcionada nos meios literários, sendo logo marginalizada e tendo recebido críticas severas por sua ousadia, como assinala Lonha Heilmar em prefácio à reedição digital:

Se o projecto da *Sopinha de Alfabeto* foi de molde a suscitar entusiasmos e mudar paradigmas, ele também provocou reacções menos benevolentes por parte de quem se sentia no dever de velar pela manutenção de algum rumo pretensamente sério da criação artística, porque relacionado, por definição, com um discurso oficial institucionalmente progressista. Assim, a *Sopinha* foi caracterizada como “sinal de decadência infantil”, não tendo a revista “importância nenhuma” (Manuel Delgado in: Michel Laban, Cabo Verde - Encontro com Escritores, tomo II, Porto 1992, p. 758 e 762, respectivamente). (<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/index.htm>)

Entretanto, ao visitarmos a publicação deparamo -nos com uma revista ousada, pretensiosa, híbrida. Não há como negar a proposta de renovação da *Sopinha*. Atrevida, já na primeira página demonstra os caminhos que pretende seguir e a proposta plural e aglutinadora dos que querem mostrar suas obras:

Sopinha de Alfabeto surge com o objectivo de criar ou tentar criar um espaço livre de publicação e divulgação no domínio das Artes e Letras, não estando enfeudado a nada e a ninguém nem representará o compromisso com quaisquer padrões estético-formais e/ou mesmo temáticos.

Neste número publicamos apenas poemas, caricaturas, desenhos e fotografias mas as páginas deste projecto estão disponíveis para

qualquer outro género literário, do ensaio às reportagens, da poesia à crítica literária e do desenho à fotografia.

<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1Pag1.htm>

Em criativas vinte e seis páginas, cumprindo a proposta de contribuir “para o combate à quase letargia cultural” em que se encontrava Cabo Verde, a *Sopinha de Alfabeto* apresenta múltiplas formas de linguagem, como podemos atestar com o belo “Poemito Concretista” (<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1Pag2.htm>) de Mito, que comparece com outras ilustrações e poemas.

O ótimo poeta Filinto Elísio apresenta poemas em vários estilos: o *hai kai*, figuras de linguagem como a assonância e a prosa poética estão entre as características formais de sua poesia. Com temáticas inovadoras no panorama literário do país, utilizando-se da versificação livre futurista, sua matéria poética surge em cenas do cotidiano como no poema “Ao Mito”:

(...) aquela do cão vadio que ninguém dá a mínima
mas que o menino triste acompanha e quer adoptar
aquela da estrela cadente na qual "o da passiva"
viaja na ponta do charro
aquela da "luamito" da metalinguagem futurista
aquela da boca do lixo engolindo os nossos titãs
aquela do sol com vergonha de aquecer corações
aquela do coveiro boa gente e etc
aquela cena da vida para ser vivida...
(<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1Pag3.htm>)

Filinto Elísio também lança poemas muito bem elaborados, como no metrificado “A poesia do reverso”:

lusoáfricas berço terço
o terceto da nova poesia

onde passava a Passargada
passa agora o pássaro da paz

(...) o poeMito faz lexema
no pão da poesia morena

à Cris à cruz à luz
o sufixo e o crucifixo

o lixo o Kitsch o bicho
dura lex pax lua

o perverso e o avesso
na poesia do reverso ...
(<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1Pag21.htm>)

O outro poeta que forma o corpo da *Sopinha de Alfabeto*, Eurico Barros, demonstra uma poesia intimista, existencialista, crítica ao passado histórico como em “Acidente Danado”:

...e ficou a imagem cósmica
de Titicaca
Tibete

dos deuses que levaram

a outra vida
essa vaga possibilidade de ser feliz,
deixando-nos com o Deus

ocidente

danado.

... e ficou o sofrimento bíblico,
captando a telepoesia

dos espíritos

da antiga

Tibete
Titicaca

... e ficou a imagem religiosa do ÉDEN DESABITADO.
(<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1Pag23.htm>)

Barros também experimenta grafismos e ilustrações para seus poemas. Em “o’culto” (<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP1Pag11.htm>) mostra a agonia dos tempos de distopia, chamando para a realidade a perplexidade causada pela desilusão com o país.

Na revista, encontramos diversas charges, desenhos e caricaturas de Mito e as belas fotografias de João Nelson, assim como outros poemas de Elísio, Barros e do próprio Mito. Aqui, comentei apenas o primeiro número da revista, mas no site temos

acesso à segunda edição (<http://www.tanboru.org/mito/sopinha/SP2capa.htm>), que conta com um número maior de artistas e outras propostas estéticas. O importante é que ao digitalizar e disponibilizar a *Sopinha de Alfabeto* em seu site, Mito presta uma linda homenagem ao percurso recente da literatura de seu país. Para quem admira ou pesquisa a arte do arquipélago, encontra ali um excelente material para a compreensão do desenvolvimento literário no pós -independência de Cabo Verde.